
Diversidade e redes de silenciamento na exposição de arte Queermuseu¹

Henrique ESPER²
Cristóvão Domingos de ALMEIDA³
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a repercussão da exposição de arte Queermuseu, com foco nas redes de silenciamento, instituídas por grupos conservadores da sociedade. Por pressão e narrativa de censura, o encerramento da exposição aconteceu antes do prazo estipulado pelo Santander Cultural, em Porto Alegre. Fundamentamos nos conceitos de redes sociais digitais como espaços emergentes que possibilitam atividades de silenciamento. A partir de dados extraídos de três páginas do Facebook que contribuíram para repercussão negativa da exposição, analisamos suas redes de interação para compreender a estrutura de seus laços, atuações e influências na rede social. Evidenciamos que os espaços digitais podem servir como potencialidade de marginalização num momento em que avança a narrativa de intolerância ao diverso.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Diversidade; Silenciamento; Redes Sociais; Queermuseu.

Introdução

O artigo se apoia no argumento que nos dias atuais as redes sociais possibilitam espaços digitais para o diálogo e aproximações entre os indivíduos, mas que o intuito de seu uso também pode alterar o sentido das perspectivas, como na exposição Queermuseu, gerando redes de silenciamento de grupos subordinados, mesmo que, a internet, na Era das Relações que engloba tecnologias, criatividade, responsabilidade social, conexões transpessoais e respeito à diversidade cultural (MORAES, 2007), tem produzido mudanças nos hábitos, costumes, comportamentos, colaborando, de algum modo, para

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do curso de Relações Públicas na Universidade Federal do Pampa, e-mail: henrique.esper@gmail.com.

³ Pós-doutor e doutor em Comunicação, mestre em Educação e professor na Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: cristovaoalmeida@gmail.com.

auxiliar na construção da identidade humana. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas, cada vez mais presente no nosso cotidiano, flexibiliza os processos materiais, físicos, simbólicos, numa dinâmica que requer intuição, pensar crítico, garantia dos princípios éticos, afetivos e diálogo com as situações reais e práticas, ou seja, na era das relações, o desenvolvimento tecnológico, requer, centralidade na comunicação.

Aqui, serão levantadas questões a partir de uma das maiores repercussões sobre exposições de arte nas mídias nacionais e internacionais. A primeira exposição de arte *queer* da América Latina, a Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira, realizada em setembro de 2017, no Santander Cultural, na região central da capital gaúcha. Este estudo tem intuito de promover o registro, para dar visibilidade às redes, muitas delas, ligadas ao pensamento da extrema-direita, contribuíram para repercussão negativa da exposição e foram favoráveis a censura.

A abordagem metodológica deste estudo é de cunho qualitativo. Na coleta das informações utilizamos ferramentas que nos auxiliaram a reunir dados de três páginas do Facebook. Elas foram escolhidas porque apresentaram elevado número de reações, influenciando o discurso favorável a censura da exposição. Criamos gráficos em rede das interações das páginas com outras páginas na rede social. Nas análises das redes utilizamos a métrica do coeficiente de clusterização de Recuero (2017).

Evidenciamos que as redes sociais podem servir como potencialidade para desenvolver estratégias de aproximação com os grupos que possuem os mesmos propósitos, quando usadas eficazmente potencializam o alcance das narrativas e faz circular informações aos grupos de interesse, bem como aos demais que, de uma forma ou de outra, têm contato com as mensagens divulgadas. Essas dimensões auxiliam e contribuem para que os grupos dominantes na sociedade, apropriem-se dos espaços digitais para difundir narrativas conservadoras, tais como, preconceito, cerceamento da liberdade, situações que reforçam dinâmicas de marginalização de movimentos contemporâneos que lutam pelas garantias dos direitos humanos.

A Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira

A Queermuseu – Cartografias da diversidade na arte brasileira, pensada e construída desde 2010⁴ pelo curador, Gaudêncio Fidélis. Em 2017, o curador acessou

⁴Disponível em: <<https://goo.gl/agNddX>> Acessado em: 30 de maio de 2018.

recursos da Lei Roanet⁵, que tem o intuito de incentivar a cultura, instituindo políticas públicas para a cultura nacional. O Banco Santander também patrocinou, promoveu e realizou no espaço do Santander Cultural, a primeira exposição de arte *queer* da América Latina. Essas características se percebe no próprio resumo do projeto⁶ enviado ao ministério da cultura para captação de recursos:

[...] Queermuseu será uma exposição que busca explorar a diversidade na arte e na cultura contemporânea através de um conjunto de obras que percorrem um arco histórico de meados do século 19 até a contemporaneidade. Abolindo a cronologia e adotando uma série de mecanismos de justaposição que possibilitam o confronto entre obras de períodos diversos, Queermuseu busca uma equivalência entre a realidade das obras e aquela da vida contemporânea.

A exposição reuniu cerca de 263 obras de 85 artistas. Dentre eles, Adriana Varejão, Bia Leite, Cândido Portinari, Fernando Baril e Ligia Clark. Em entrevista cedida ao Jornal do Comércio⁷, o curador da exposição, relatou que, em sua abertura, o evento contou com a presença de, mais de 3 mil pessoas. Após a abertura, foi estimado um público diário entre 700, 800 e 900 pessoas, no intervalo de tempo em que a exposição ficou aberta ao público, em torno de 20 mil pessoas frequentaram a exposição. Em entrevista para UFRGS (2017), ao ser questionado sobre a importância deste museu na arte brasileira e gaúcha, respondeu:

[...] uma das coisas que essa exposição faz é mais ou menos dizer assim: os museus excluíram determinadas narrativas, excluíram várias obras que tratam das questões de gênero, quando não excluíram dissimularam, a historiografia tem dificuldade de interpretar, passou por cima, escondeu, não revelou e assim por diante.

A exposição ficaria aberta ao público entre os dias 15 de agosto e 8 de outubro de 2017, mas devido as mobilizações de grupos conservadores nas redes sociais com auxílio de *boths*, computadores robôs que são utilizados para influenciar os debates digitais⁸, os grupos religiosos⁹ e neo-liberais¹⁰ alegaram que a exposição feria os princípios cristãos, os valores dos cidadãos, fazia apologia à pedofilia, zoofilia e não trazia a indicação de faixa etária, pois segundo eles, as crianças não poderiam ter acesso a estas obras, este tipo de conteúdo seria restrito ao diálogo dentro de casa, apenas entre os membros da família.

⁵Disponível em: <<http://rouanet.cultura.gov.br>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

⁶Disponível em: <<http://versalic.cultura.gov.br/#/projetos/164274>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

⁷Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gstN0yqXDv0>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

⁸Disponível em: <<https://goo.gl/89jp8k>> Acessado em: 30 de maio de 2018.

⁹Disponível em: <<https://goo.gl/DJ1AqU>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

¹⁰Disponível em: <<https://goo.gl/g5BMrK>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

Dentre os argumentos desses grupos, foram reivindicados a devolução de 800 mil reais utilizados através da captação dos recursos federais, dizendo que o dinheiro utilizado para a realização do evento era proveniente de impostos, ou seja, quem estava pagando eram os brasileiros e por essa razão, o evento não poderia continuar acontecendo, referindo-se a exposição como se as obras ali expostas não fossem consideradas arte. O Santander Cultural atendeu ao pedido dos grupos e decidiu que a exposição encerraria antes do prazo estipulado, sem consultar o curador e os órgãos públicos responsáveis pela verificação das causas alegadas pelos manifestantes contrários a exposição. O banco se pronunciou por meio de uma nota¹¹ pedindo desculpas e garantindo que seguiriam comprometidos com a “promoção e o debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos”.

Após denúncias, o Ministério Público Federal (MPF) foi acionado e o promotor da Infância e juventude de Porto Alegre, Julio Almeida, avaliou que não havia pedofilia na exposição e pela decorrência da eventual lesão à liberdade de expressão artística, causada pelo cancelamento da exposição, o órgão recomendou que o grupo Santander Cultural terá que realizar duas novas exposições com a temática “diferença e diversidade”¹².

Comunicação para arte, cultura e a teoria queer

Os estudos que permeiam a área da comunicação a entendem como ações onde trocas e interações são realizadas. Evidencia-se a diferença entre se comunicar e informar, para não induzir ao erro de pensar a comunicação como mera transmissão de informações, ideias, etc. Pode-se dizer que comunicação “refere-se a um mesmo objeto de consciência e não a coisas materiais, ou a propriedade de coisas materiais” (MARTINHO, 2011, p. 14), referindo-se ao processo de conexão entre objetos de consciência na relação entre as pessoas. Ou seja, para que haja comunicação precisa acontecer a conexão, trocas e interações entre os sujeitos no processo comunicacional.

A arte é uma das formas que o ser humano encontrou para expressar suas ideias e sentimentos. Essa forma busca expressar, através do olhar do artista e retratar na composição o seu desejo, seja ela crítica, problematizadora, lazer ou distração. As configurações dessa expressão também são diversas, varia entre plástica, pintura, música,

¹¹Disponível em: <<https://goo.gl/K3gZe5>> Acessado em: 28 de maio de 2018.

¹²Disponível em: <<https://goo.gl/ysoSYM>> Acessado em: 30 de maio de 2018.

dança, poesia, arquitetura, entre outras. A expressão apresenta a bagagem cultural do artista e do interagente que está em contato com a obra. Portanto, cada obra tem o seu porquê, têm um objetivo e como já foi dito, por lazer, descontração, criticidade, toma-se determinada configuração conforme o intuito de quem a faz.

Se cada obra traz o olhar pessoal do artista, aparentemente retratando sua cultura, seu modo de pensar, de refletir sobre questões que se fazem importantes para seu trabalho, então, este espaço mostra certa impossibilidade da discussão sobre o que é, e o que não é arte. O movimento dadaísta com Duchamp (1917) fez os críticos, artistas e fãs de arte refletirem sobre seus papéis, com sua obra “Fonte”, ele criou um ambiente de reflexão, onde surgiram perguntas como: O que é arte? Será que os críticos que dizem o que é arte e o que não é, dão seus avais apenas cultivando técnicas? Será mesmo que apenas obras que utilizam técnicas consideradas por estes críticos necessárias, podem ser chamadas de arte?

A “qualificação” vem de determinada cultura onde um grupo de pessoas instituem a diferença entre o que é expressão cultural e o que não é. Para Chauí (2006, p. 113) “cultura é, pois, a maneira pela qual os humanos se humanizam e, pelo trabalho, desnaturalizam a natureza por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”. A diversidade das culturas e de suas expressões se dá a cada ação. Essas atividades são repletas de significados, histórias, afetividade, ações realizadas por um grupo podem não ser entendidas por outro, o valor de cada atividade, de cada ação é dado pela sua história, pelo significado para o seu povo.

O nome da exposição Queermuseu – Cartografias na arte brasileira, remete a um museu *queer*, com o intuito de apresentar obras e artistas brasileiros que trabalhem com as diferenças. O termo *queer*, segundo Louro (2000) e Salin (2015) é utilizado na língua inglesa para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais, no sentido de estranho, ridículo, excêntrico. Hoje, os movimentos *queer* utiliza-se deste termo como forma de resistência, constituindo a tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Em meados de 1990, surge a teoria *queer*, iniciada pela junção de autores que orientavam a investigação que vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito, como Foucault, Derrida e Butler.

Para contextualizar a concepção de sujeito como fator relevante de transformação, Butler (2003) entende que o feminismo tem uma concepção de mulher como sujeito e para Louro (2004) mesmo com grupos gays e lésbicos de afirmação da identidade

homossexual, as posições-de-sujeito continuam havendo suas restrições e concepções, incluindo os bissexuais. Estes grupos também têm uma concepção de sujeito, sendo eles limitados a gêneros heteronormativos.

Nesse contexto, segundo Louro (2004) pessoas que não se viam representadas nem pelo feminismo, nem pelos grupos gays, lésbicas e bissexuais, provocaram mudanças nos movimentos sexuais e de gênero, exigindo igualmente a transformação nas teorias utilizadas por eles. Surge a teoria *queer*, utilizada para questionar a heteronormatividade padronizadora da sociedade e com caráter político na manifestação declarada da homossexualidade por parte de alguns movimentos. A teoria *queer* vai na contramão e compreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas”.

Redes sociais e diversidade

Castells (2008) diz que a oportunidade de formação de redes que a internet possibilita gera flexibilidade e tornam praticamente indistintas as fronteiras de participação e de envolvimento, individualizam as relações sociais de produção e provocam instabilidade estrutural do trabalho, do tempo e do espaço. Essas dimensões também recebem atenção de Santaella (2010) e Terra (2011), como ruptura das variáveis clássicas da comunicação e das bases materiais da vida, possibilitando as mensagens serem registradas por longos períodos e a presença em lugares onde não se está fisicamente, para além das fronteiras geográficas. Castells (2009) também fala dos limites das redes globais, abordando o poder das influências transformadoras em sua capacidade maleável de construção e estagnação, sendo totalmente dependente de forças externas para que haja mudanças.

As redes não têm limites estabelecidos; elas são ilimitadas e tem várias bordas, e sua expansão ou contração depende da compatibilidade ou competição entre os interesses e valores programados em cada rede e os interesses e valores programados nas redes com os quais elas entram em contato em seu movimento de expansão. (CASTELLS, 2015, p.65)

Podemos dizer que as redes sociais funcionam como o exemplo de aparelho, proposto por Flusser (1985). Para Flusser (1985, p. 17) “ são caixas pretas que simulam o pensamento humano, graças as teorias científicas, as quais, como o pensamento humano, permutam símbolos contidos em sua “memória”, em seu programa. São caixas pretas que brincam de pensar”. Assim como a rede de comunicação global que tem sua

realidade em evolução e sua complementaridade guiada dependente dos produtos da ação humana.

A ação humana que através de suas práticas comunicacionais, como é o caso dos fenômenos que acontecem hoje nas redes sociais podem, por meio de discursos inclusivos ou exclusivos, interferir diretamente na vida do outro. Para pensar o outro, temos que representá-lo como diferente, pois o outro que não se diferencia, com os mesmos costumes, inserido no mesmo grupo social, estará no discurso, dado que, enquanto pensado o discurso para o grupo, também estará inserindo-o. Mas como fica o outro que devido a sua cultura, sua língua, seus valores, sobretudo sua cultura e sua identidade, se diferencia. Como coabitará de forma com que os direitos não dividam o campo em forma de conflito? Para Wolton (2006, p. 163):

[...] A organização e coabitação das culturas não é somente uma questão mundial. Ela o é no sentido em que, pela primeira vez na história da humanidade, as sociedades e as culturas devem aprender a coabitar, uma vez que não podem mais auto-eliminar-se no seio de um universo onde todo mundo vê tudo e sabe tudo.

A frase “todo mundo vê tudo e sabe de tudo” dificulta o desastre, mas não garantirá que os indivíduos terão a conduta ética pré-concebida por aqueles que estão observando. Até porque Ortiz (2015, p. 18) diz que “é justamente este traço idiossincrático, a cultura, que os distancia uns dos outros”. Não pela cultura em si, mas pela dificuldade de coabitar com o diferente.

Segundo Wolton (2006, p. 164), “não é porque os meios sociais, os atores políticos, os jornalistas, os chefes de empresas, os universitários e outros coabitam mais facilmente do que há cinquenta anos que os pontos de vista podem facilmente aproximar-se”. Isto é, nos últimos anos há com maior facilidade a coabitação entre diferentes grupos, mas isso não significa que estes grupos estão aproximando seu ponto de vista sobre determinados temas. É nesse sentido que “assumir o conflito das legitimidades não é reduzir a amplitude do modelo democrático das sociedades abertas. É, ao contrário, torná-lo mais visível” (WOLTON, 2006, p. 163-164). Sendo este, o propósito para a ampliação das democracias, não existe democracia sem pluralidade cultural, são processos de disputas culturais.

Os clusters e a rede de silenciamento

No primeiro passo, realizamos a raspagem dos dados das páginas. Para isso,

utilizamos o aplicativo *Netvizz*¹³, para coletar os dados de três publicações sobre a temática que obtiveram maior número de interações no Facebook, segundo a pesquisa¹⁴ divulgada em 11 de setembro de 2017, que se refere ao debate com viés negativo sobre a queermuseu no facebook. O trabalho foi realizado pelo projeto Monitor do debate político no meio digital¹⁵, do grupo de pesquisa de Políticas Públicas para o acesso a informação da USP, que busca mapear, mensurar e analisar o ecossistema de debate político no meio digital. A fim de compreender as redes das páginas que realizaram as publicações com as demais páginas do facebook, utilizamos a ferramenta *Gephi*¹⁶, que proporciona a visualização de gráficos em redes, apontando os principais vínculos (conexões) das páginas.

Com o gráfico em rede, analisamos através da métrica apresentada por Recuero (2017) “coeficiente de clusterização, que indica o quão conectado a um cluster (grupo) está um determinado nó em sua vizinhança” (RECUERO, 2017, p. 40), priorizando o grau de relação entre as páginas.

Baseando-se na pesquisa realizada pelo monitor do debate político, selecionamos três publicações com maior quantidade de interações. Devido a indisponibilidade do primeiro link, selecionamos o segundo: “Terça Livre - Pedofilia, zoofilia, pornografia e profanação sendo promovidos pelo Ministério da Cultura aos olhos de crianças!”, para a primeira coleta realizada na página “Terça livre TV”, que representa um dos maiores portais de estudos conservadores do país e possui além de site, canal no Youtube, conta no Twitter e página no Facebook.

O gráfico realizado na ferramenta *Gephi*, é composto por 45 páginas que interagem de alguma forma com a página Terça Livre TV. Após aplicar o coeficiente de clusterização, com a ferramenta “modularidade”, obtivemos quatro clusters, rosa (56%), verde (23,9%), laranja (10,8%) e azul (8,7%). As páginas que mais aparecem no cluster rosa são ligadas a educação. No cluster verde, as principais páginas são de grupos de extrema direita, no cluster laranja, são ligadas a mídia. Já no cluster azul são páginas ligadas a movimentos monárquicos do Brasil.

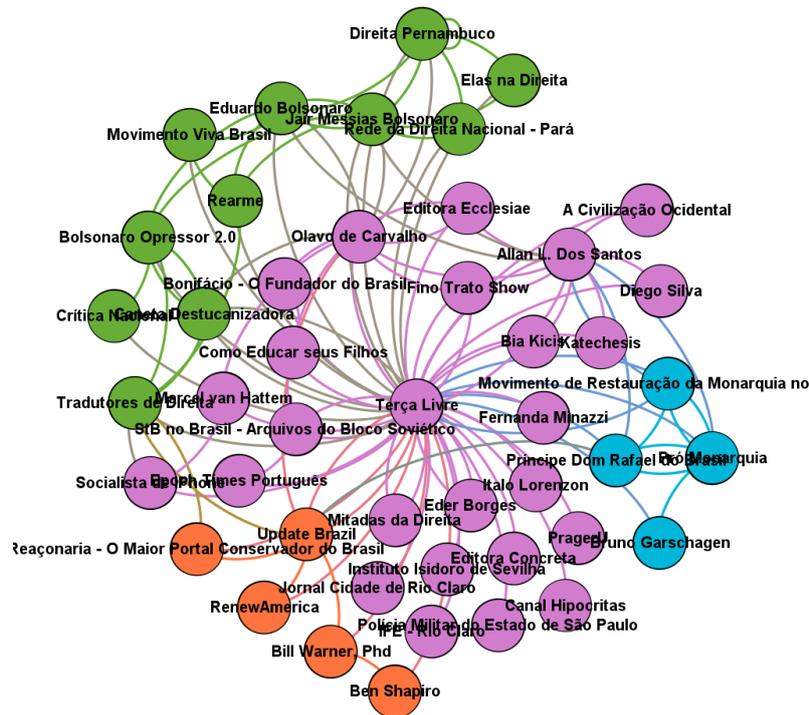
Gráfico 1 - Página terça livre

¹³Disponível em: <<https://goo.gl/SS8Ryy>> Acessado em: 10 de março de 2018.

¹⁴Disponível em: <<https://goo.gl/rMwsLr>> Acessado em: 10 de março de 2018.

¹⁵Disponível em: <https://www.monitordigital.org/quem_somos> Acessado em: 11 de março de 2018.

¹⁶ Disponível em: <<https://gephi.org/>> Acessado em: 25 de março de 2018.



Fonte: <https://www.facebook.com/tercalivre/>

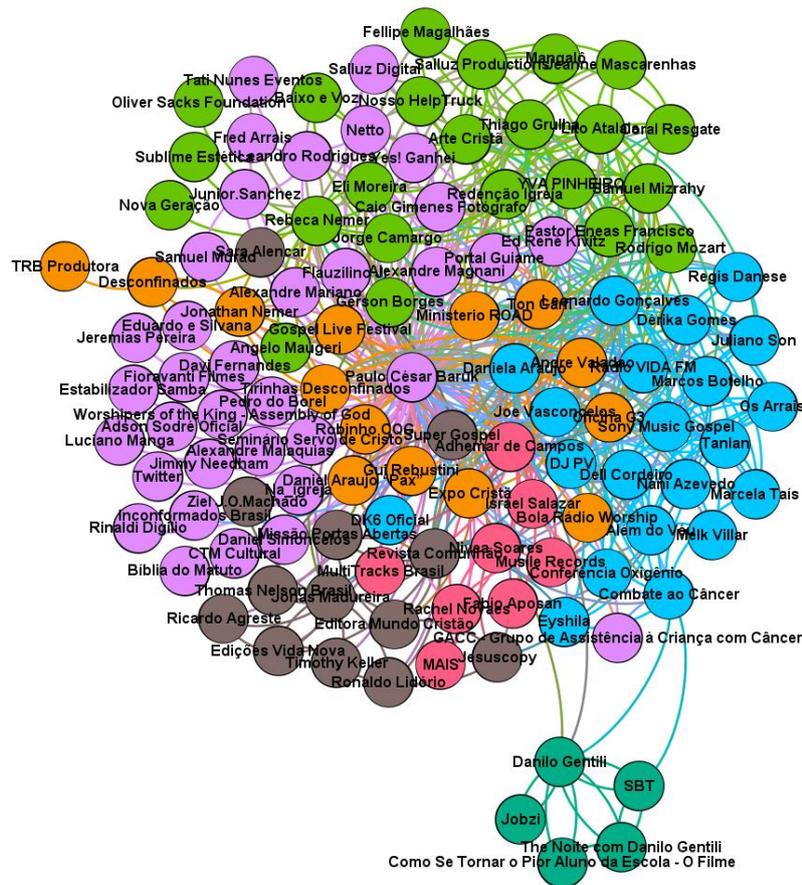
Com os cluster destacados, observamos a forte relação com pensamentos conservadores em campos diferentes, na educação, mídia, personalidade política de extrema direita e os movimentos conservadores pró monárquicos. Podemos notar que estes grupos compartilham de ideais que partem do espectro político voltado ao conservadorismo, ou seja, manifestam intolerância com movimentações contemporâneas da sociedade, buscando silenciá-las para conservar os valores e modelos moldes tradicionais da sociedade.

Segundo a pesquisa, o terceiro link dos vídeos com mais visualizações no facebook, influenciando o debate sobre a censura a exposição, é referente ao vídeo de Jonathan Nemer: “tem uma exposição artística acontecendo no santander cultural em porto alegre/rs. Essa exposição tem obras que fazem apologia a pedofilia, zoofilia, ideologia de gênero, além de ofensas a símbolos religiosos.” A coleta foi realizada na página de Jonathan Nemer, que representa o advogado e humorista Jonathan Nemer, cujo trabalho está ligado fortemente ao humor evangélico.

O gráfico é composto por 117 páginas que interagem de alguma forma com a página sua página. Após aplicar o coeficiente de clusterização, com a ferramenta “modularidade”, obtivemos quatro clusters rosa (29,4%), verde claro (19,3%), azul

(17,6%), laranja (11,7%), marrom (10,9%), vermelho (6,7%) e verde escuro (4,2%). As páginas que mais aparecem no cluster rosa são ligadas ao segmento religioso. No cluster rosa, pastores, no verde claro, organizações ligadas a igrejas evangélicas, no cluster azul são páginas ligadas aos músicos gospel, no cluster laranja, são ligadas a produtoras de conteúdo artístico gospel. No marrom, ligadas a educação evangélica, no vermelho também músicos gospel e no verde escuro, páginas ligadas ao humorista Danilo Gentili.

Gráfico 2 - Página Jonathan Nemer



Fonte: <https://www.facebook.com/jonathannemer/>

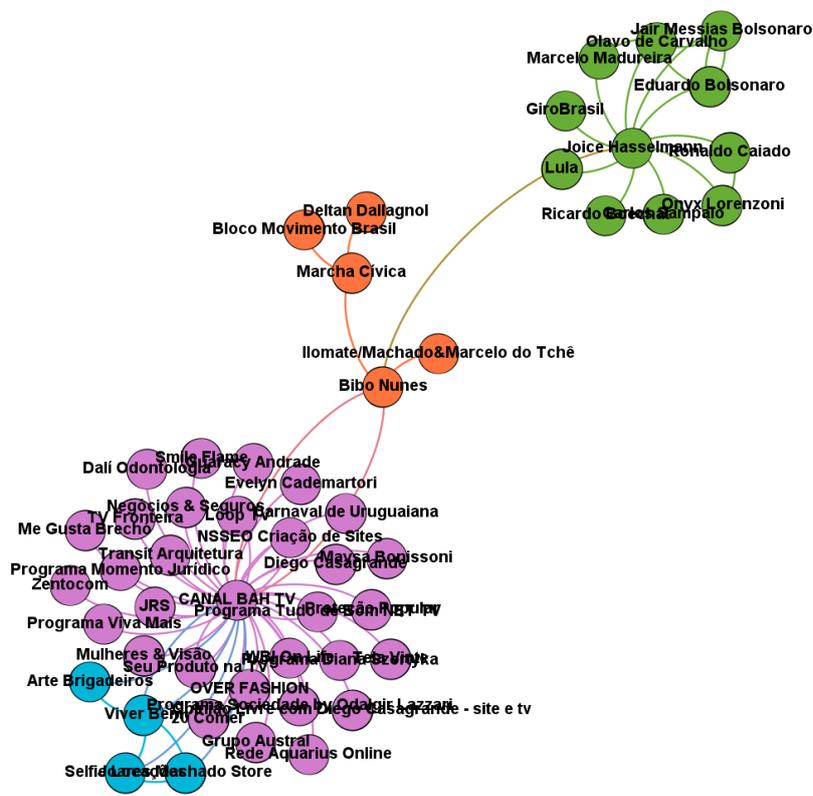
No gráfico existem alguns dados interessantes, como o protagonismo da religião na rede de conexões. Uma das redes apresentadas é a de Paulo Cear Baruk, cantor, compositor e produtor musical evangélico, que mostra muitas conexões paralelas as do humorista, consolidando os laços da religião em sua rede. A religião faz parte de grupos dominantes da sociedade buscam através de valores, estabelecer dogmas para dificultar a

aceitação dos que não são adeptos a estes valores. Os grupos religiosos que foram contrários a exposição, não aceitaram as reflexões sobre religião pautadas por alguns artistas.

Também devido a indisponibilidade do quarto link elencado pela pesquisa, passamos para o quinto link: “Bibo Nunes - Fechada a escandalosa mostra do Santander Cultural”, a terceira coleta foi realizada na página “Bibo Nunes”, que segundo sua rede social, representa um empresário, que atua como comunicador de rádio e TV, presidente do PSL em Porto Alegre e vice-presidente do partido no Rio Grande do Sul.

O próximo gráfico é composto por 50 páginas que interagem de alguma forma com à página Bibo Nunes. Obtivemos quatro clusters, rosa (60,7%), verde (21,5%), laranja (9,8%) e azul (7,8%). As páginas que mais aparecem no cluster rosa são ligadas a mídia. No cluster verde, as principais páginas são de grupos políticos com ideologias de direita, no cluster laranja, a maioria das páginas estão ligadas a operação Lava Jato da política federal, por meio de integrantes da promotoria federal. Já no cluster azul são páginas ligadas a gastronomia.

Gráfico 3 - Página Bibo Nunes



Fonte: <https://www.facebook.com/bibonunes/>

Notamos neste gráfico clusters que por se tratar de um apresentador e político, os grupos mídia e o setor político se conectaram com mais intensidade. Já o grupo do judiciário, podemos verificar um promotor que se promove enquanto figura pública, o movimento “marcha cívica” que defende a operação Lava Jato e “Bloco Movimento Brasil”, que defende a “preservação da família e liberdade”¹⁷, esta manutenção da família está nos discursos de ódio de grupos contrários a exposição. Conforme sua publicação no facebook¹⁸, a censura à exposição foi “mais uma vitória da união do povo brasileiro que apoia valores conservadores”. Ou seja, a página defende valores conservadores para a sociedade.

Visto que o grupo político em sua rede de interações, tem forte viés conservador, unimos estes valores a mídia e temos a formula para a repercussão das narrativas contrárias à exposição. A ligação dos grupos neo-liberais e instituições religiosas também contribuíram para a repercussão, grande influência destas instituições possibilitou a circulação da mensagem nas mídias tradicionais, as pautas ganharam destaque principalmente com o teor do encerramento da exposição. Percebemos esse tencionamento para pautar outros espaços de mídia, isso porque os contextos emergentes das mídias, potencializam o surgimento de figuras públicas que pelas mídias tradicionais não teriam essa oportunidade. Estes contextos facilitam o surgimento de autoridade nas novas mídias digitais, que são construídas pelas plataformas digitais.

Através dos valores conservadores, sejam eles neo-liberais ou religiosos, fundamentam os discursos devido a base adquirida ao decorrer de sua formação e procuram disseminar e instituí-los para toda a sociedade. A complicação vem quando estes valores buscam a exclusão de indivíduos, são ações que excluem e segregam determinados grupos, mas, que utilizam de estratégias para tornar essas práticas, as regras, normas e condutas para o conjunto da sociedade, mesmo que firam a liberdade de expressão do cidadão.

Considerações finais

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/BlocoBrasilia/about/?ref=page_internal> Acessado em: 23 de maio de 2018.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlocoBrasilia/posts/762882027216692>> Acessado em: 23 de maio de 2018.

Este artigo se propôs analisar a repercussão da exposição de arte Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira, com foco nas redes de silenciamento, instituídas por grupos dominantes da sociedade. Desta maneira foram planejadas três etapas, sendo elas, investigar as páginas que mais contribuíram para repercussão negativa da exposição na rede social facebook, selecionar três publicações com mais interações e analisar redes de interação das páginas com outras páginas, através do coeficiente de clusterização de Recuero (2017).

Ao analisá-las foram encontrados clusters com propriedades semelhantes entre as páginas. Ambos possuíam grupos de interesse das figuras ali representadas – um apresentador de tv e político, um humorista evangélico e advogado e um espaço de educação conservadora – além das suas características todos eles possuíam clusters de pensamentos que buscam conservar a ideia de valores tradicionais para a sociedade, visando ser o melhor para ela, numa ideia de higienização dos setores da sociedade, como foi o caso da exposição, visando determinar que o que estava exposto ali não era arte.

São os espaços emergentes que possibilitam a resistência de grupos oprimidos e ao mesmo tempo a opressão dos mesmos. Como nos espaços tradicionais da sociedade, os grupos dominantes buscam silenciá-los como forma de manter sua visão de mundo e seus valores, acreditando que a exclusão do diferente seja a solução, impossibilitando a chance de coabitação. Outro ponto interessante, presente em todas as redes, é a aliança entre mídia e educação, mídia e política e mídia e religião, expondo a estratégias destes grupos para desmoralizar discursos das minorias, do mesmo modo que a história da arte fez com narrativas de grupos marginalizados.

A discussão mostra também que os setores da sociedade conservadores buscam invisibilizar a temática sobre gênero e diversidade nas escolas e nos espaços públicos. Os construtores das narrativas de exclusão possuem medo do diferente, por isso os tratam como inimigos e têm a intenção de extingui-los, pois são valores que sempre estiveram ocultos e nos dias de hoje, podemos ouvir as vozes das minorias, mas as redes de silenciamento trabalham para que esta facilidade do acesso por esses grupos, seja dificultado, produzindo a falsa sensação que as minorias representativas são minorias quantitativas.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

_____. **O Poder da Comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2008.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte – Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte – Autêntica, 2004.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? In. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, C. Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (Org). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências** 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORAES, Cândida Maria. **O Paradigma Educacional Emergente**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2008.

ORTIZ, Renato. **Universidade e universalismo: contradições da modernidade-mundo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SALIN, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

TERRA, Carolina Frazon. **Mídias Sociais... e agora?** São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.